

N.º 96 — LISBOA, 10 DE NOVEMBRO

2.º ANNO 1914

PARODIA

COMEDIA PORTUGUEZA

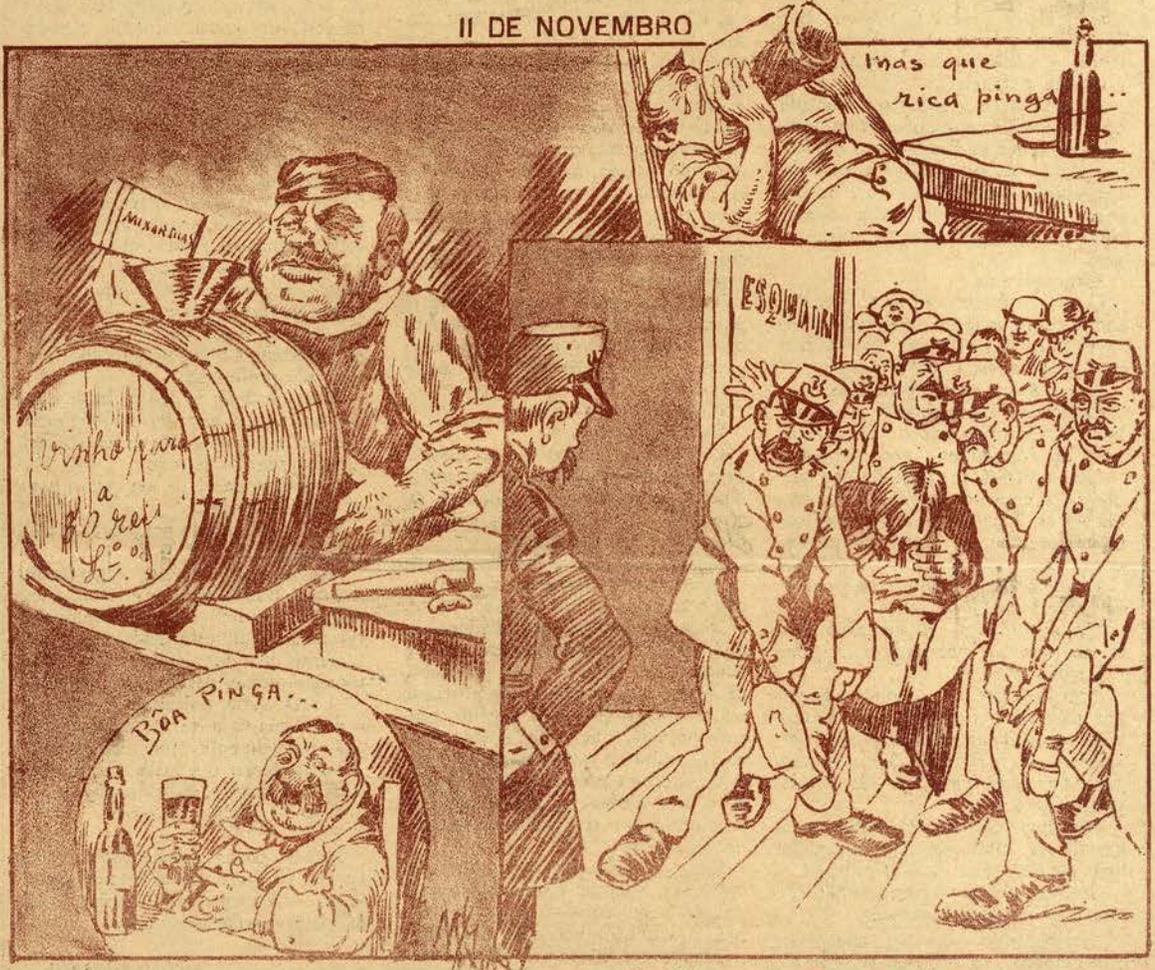
Publica-se ás quintas-feiras
Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador da
PARODIA-COMEDIA PORTUGUEZA
PREÇO AVULSO 20 RÉIS
Um mez depois d' publicado 40 réis

Redacção e administração — RUA DO GREMIO LUSITANO, 66, 1.º
Assignaturas (pagamento adiantado)
Lisboa e provincias, anno 52 num. 12000 rs. || Brazil, anno 52 numeros..... 23500 rs
Semestre, 26 numeros..... 3500 rs. || Africa e India Portuguesa, anno 13000 rs.
Cobrança pelo correio..... 3100 rs. || Estrangeiro, anno, 52 numeros... 12500 rs.
NOTA: — As assignaturas por anno e por semestre acceptam-se em qualquer data; tem porém de começar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho

EDITOR — CANDIDO CHAVES
COMPOSIÇÃO
Minerva Peninsular
82, Rua do Norte, 82
IMPRESSÃO
Lithographia Artistica
Rua do Almada, 32 e 34

S. MARTINHO DROGUISTA

11 DE NOVEMBRO



Tristes consequencias

O Estado-Pae

As *Novidades* commentando o programma de economias do novo governo, escreve as seguintes ponderosas palavras: «Alguna coisa é preciso fazer, ou fingir que se faz, para calar o jacobinismo, que é intolerante e intratável. Mas que isso seja o menos possível.»

Porque falam assim as *Novidades*?

As *Novidades* falam assim porque é preciso, segundo ellas, que os partidos politicos não criem uma situação de guerra aberta, sob tantos aspectos perigosa, aggravando-se mutuamente sob o pretexto de administrar o paiz com economia.

As *Novidades* receiam pelos partidos.

Nós, porém, vamos mais longe. — Nós receiamos pelo paiz.

Um programma severo de economias, a nosso ver, não descontentava apenas este ou aquelle partido, lesado nos interesses feridos dos seus amigos ou afilhados. Descontentava o paiz inteiro.

Nós sabemos, perfeitamente sabemos que não é isto o que se diz, mas é isto o que se passa, e entre as palavras e os factos vae uma desolada e infinita distancia.

O paiz pede economias, mas que appareça o primeiro governo que verdadeiramente as faça, e — é a guerra civil. — A mim, disse o sr. José Luciano de Castro, uma vez, na camera, — ninguém me pede economias e toda a gente me pede empregos.

Ora aqui está.

O sr. José Luciano de Castro resumiu com bonhomia, mas com admiravel clareza, a situação. O paiz não pede economias. Pede empregos.

Quem é que pede economias?

Os jornaes da opposição — por politica e o jacobinismo a que se referem as *Novidades* — por catturice.

Que amanhã se deixe de dar empregos e essa gente toda que os pedia ao sr. José Luciano, levantar-se ha em peso contra o governo que estiver.

E quem é essa gente toda? — Essa gente toda é — o paiz.

Ha no entanto — diz-se — uma parte do paiz que não pede empregos. Perdão! Não ha.

Aquelles que não pedem empregos para si, pedem-nos para os outros, reconciliando-se com a sua consciencia sob o pretexto de que — não pediram nada para si. Os outros pedem para si.

Ha algumas naturezas solitarias e grandiosas que não tenham pedido nem para si, nem para os outros?

Creemos que ha, mas nós não temos o gosto de as conhecer.

Certamente o paiz não allegaria com descaro, ao sublevar-se, que o

fazia, porque o governo deixava de dar empregos. Nós não veriamos na rua uma revolução, precedida de bandeiras de revolta onde se lêsse: — *Abaixo o governo! Abaixo as economias! O povo quer empregos!* Não veriamos essa, mas veriamos outra, que aproveitaria o ensejo para liquidar velhos rancores e velhos descontentamentos. E eis o que haveria a temer se os governos, em Portugal, se decidissem formalmente — a não dar mais empregos.

Semilhante programma iria affectar não algumas classes parasitarias e de facil remoção, como se suppõe, mas o proprio organismo social, que é todo elle um parasita do Estado.

Allegar-se-ha talvez que o numero dos empregados do Estado e dos que o pretendem ser é relativamente limitado, em relação a grossa massa da população do paiz.

Novo erro!

Esses individuos são realmente em numero limitado, mas os interesses que andam ligados a elles não tem limite.

Um funcionario do Estado, tirando todos os seus recursos do Estado, não é um individuo só. São muitos. E' a sua familia, muitas vezes numerosa, são os seus parentes, proximos e remotos, são os seus amigos e conhecidos que tem com elle uma solidariedade estreita. Aquelle, por sua vez, que não é ainda um funcionario do Estado, mas que o pretende ser, associa ás suas pretensões e ás suas esperanças um grande numero de pessoas, como elle interessadas em que o Estado não lhe recuse os seus favores.

Toda esta gente junta constitue já população; mas um grande numero de individuos exercendo empregos ou pedindo empregos não são ainda maioria.

Onde está a maioria?

Está nos costumes.

O regimen liberal deu ao Estado uma organização paternal, que introduziu nos costumes a doutrina de que elle deve zelar não já pela nação, mas pelos individuos.

N'uma palavra, o Estado liberal, tal como elle se fez e tal como a nação o comprehendeu — é pae.

N'esta persuasão, os individuos esqueceram-se completamente de se educar, de se darem uma profissão, de seguir uma carreira, de procurar em resumo o que toda a gente procura na vida, que é um modo de vida, pensando e muito bem que o Estado paterno e protector lá estava para cuidar d'elles na idade propria, chamando-os a si e provendo ás suas necessidades.

Esta doutrina introduzindo-se nos costumes, adaptou a sociedade a este destino commum — o Emprego. Os paes descuram a educação dos filhos, pensando em lhes arranjar mais tar-

de — um emprego. Os filhos estudiosos fazem cursos para obter — um emprego. Os que não o são, abandonam os estudos, pedem sem perda de tempo — o emprego.

A mesma fundação da familia está na contingencia do emprego. Como o maior numero dos individuos não tem uma profissão, o lar não se organisa, a mulher não vem, não vem os filhos sem — o emprego. Para casar espera-se — o emprego. Constantemente deparamos com corações sequiosos de amar, procurando para realisar o mais ardente voto da sua vida — um emprego.

A idéa do Estado-Pae entrou nos espiritos sob formas tão despoticas que todas as profissões que não sejam as inherentes ao emprego inspiaram desconfiança. Não ter um emprego e viver com independencia e commodidade, é tornar-se suspeito. D'aquelle que não tem um emprego, pergunta-se — de que vive? e quando verificadamente se reconhece que não vive do emprego, torce-se o nariz, pisca-se o olho, faz-se caretas maliciosas e significativas. Os individuos só assentam na consideração social e na confiança publica quando obteem — o emprego.

Sempre os costumes fizeram a lingua. A lingua portugueza é a lingua do emprego. Desde que a nação entrou no regimen do emprego, a lingua enriqueceu-se mercê de locuções e vocabulos novos, ou adaptados aos novos usos, e assim se fez esse estylo de secretaria, estylo amanuense, estylo manga-de-alpaca, que anda um pouco em todas as boccas. As locuções — *ir para a repartição, vir do emprego* pertencem ao lar domestico. Quando os vicios de uma sociedade se reflectem na lingua que ella fala, elles são profundos.

N'esta ordem de idéas, fazer economias, isto é, não dar mais empregos, corresponde a fazer cessar a acção paternal do Estado.

O Estado deixa de ser pae e passa a ser padrasto.

Se elle não dá empregos, o que fica a fazer?

Economico, poupado, regateador, sovina, o Estado appareceria aos olhos de toda a gente — insupportavelmente tyrannico. Manifestar-se-hia immediatamente uma inquietação geral, que tomara muitas designações, mas cuja causa seria unicamente essa. A ordem, que os governos constituidos tão especialmente procuram manter, deixaria de ser um facto. O paiz entraria em crise revolucionaria.

E' a dissolução? dir-se-ha.

E'.

Mas os povos, como a historia nos ensina, vivem perfeitamente na dissolução. — Vivem na dissolução, como os bichos vivem no queijo.

DESCENTRALISAÇÃO

Nós queixamos-nos incessantemente dos excessivos poderes centralisadores do Estado, que tudo chamou a si, até a iniciativa dos municípios, desde longos seculos independentes.

Comtudo não ha paiz, como o nosso, em que a direcção de todos os negocios esteja mais na mão de — toda a gente.

Os governos centralisam. Chamam a si a administração do Estado, sem exclusão de nenhum ramo; chamam a si a administração dos municípios, mas não ha idéa de governo, quer ella se refira ao Estado, quer ella se refira ao município, em que o publico não metta o nariz, podendo até certo ponto dizer-se, n'estes termos, que — a nação é governada pela nação.

E' simplesmente abrir os jornaes: — toda a gente, em carta aos jornaes, expõe planos, formula idéas, apresenta alvitres, sobre tudo e sobre todas as coisas.

Sobre finanças. Ah! sobre finanças toda a gente tem planos!

Sobre colonias. Quem não tem tido idéas sobre administração colonial?

Mas é principalmente sobre assumptos de esthetica e commodidade local que a opinião se pronuncia, todos os dias, em cartas aos jornaes; e aqui está justamente, em um jornal, um dos seus leitores que se pronuncia contra a limpeza que se está fazendo, das paredes exteriores da igreja da Encarnação—esse monumento nacional! — aconselhando a que lhe conservem a *patine* do tempo:

Em apoio d'este alvitre, o seu auctor cita as pratas do Leitão, que, sendo novas, parecem antigas, graças a uma *patine*.

A idéa de envelhecer todos os edificios, mesmo os mais pobres de architectura, como a igreja da Encarnação, é apenas um exaggero do espirito artistico que, levado pela obcecção propria de todos os fanatismos, em tudo vê arte e attentados á arte *noli-me tangere*.

Mas é preciso não exaggerar. A Arte só está onde está, e uma casa quadrada, de pedra e cal, entestando com casas de habitação, mesmo que seja um templo, pôde não ser um monumento e ser apenas um barracão destinado ao culto.

N'este caso, dar-lhe uma demão de cal, de vez em quando, não é praticar um attentado artistico e é fazer obra de hygiene e limpeza.

Nós não sabemos o que se está passando na egrêja da Encarnação, mas cremos ser isto.

A *patine* na egrêja da Encarnação, edificio contemporaneo, não lhe daria um ar velho, mas sujo. Além d'isso, não se envelhece um facto da vespera, e a egrêja da Encarnação, como

typo de architectura é tão dos nossos dias como o regimen liberal, o hymno da Carta e os discursos do sr. Arroyo.

O Leitão, joalheiro, envelhece algumas das suas joias, porque lhes imprime um caracter antigo. Envelhece-as para as tornar mais illusoriamente velhas. Mas não envelhece as suas joias novas. Essas, ao contrario, limpa-as, torna-as mais brilhantes e *derniér modèle*, porque o seu prestigio vem justamente da sua novidade. Se as deixasse empoeirar e ennegrecer, ellas não pareceriam antigas: — pareceriam sujas.

Exaggeremos as nossas superstições artisticas, e, dentro em pouco, não serão já os edificios e os objectos — serão as mesmas pessoas que se tornarão interessantes pelo facto de terem — uma *patine*.

Não lavar a cara não será um signal caracteristico de demazelo e porcaria. Será esthetica.

Os fanaticos de esthetica, por este processo, envelhecerão voluntariamente e poderemos dizer de tal e tal amator:

— Fulano tem uma linda *patine*.



O que falta

Temos ministerio novo
Do mais fino azul e branco.
Bonita escolha; eu a louvo...
Agora o que não approvo
E' faltar lá João Franco.

Pois então esse preclaro
Que de altos trophéus se enflora,
Para ser o nosso amparo,
Dura couraça de guerra...
Não deitou, por toda Faro,
Os botes p'la bocca fora +!

Não andou elle na berra
Como vestindo couraça,
Dura couraça de guerra...
P'ra ganhar fama na terra
Da alfarroba, figo e passa?!

Não era a esp'rança fagueira
N'esta patria dos vintens,
Esse Franco, sem manqueira,
Que trazia na algibeira
O elixir de mata-cães?!

Faro! estás em arrepios;
Choram a tua má sina
Todos que são algarvios...
Sim!... ficaste a vêr navios
No Alto de Santa Cath'rina!...

Ha bons ministros, convenio;
Conhecem-se pela pinta;
Hão de guiar o rebanho...
Mas terem d'elle o arreganho,
Isso é que está-se na tinta!

Pobre Faro! estás no rol
Do adeus, *minhas encomendas*...
Mas rei que escurece o sol,
Se deitas mecha ao paiol
Das tuas pragas horrendas!

Viagem regia

A n municipalidade de Westminster já approvou a mensagem que será lida a el-rei quando elle ali fôr, na sua proxima viagem á Inglaterra.

Diz assim:

«Permittam Vossas Magestades que nós, o mayor, os aldermen e conselheiros, int'pretando os sentimentos dos cidadãos de Westminster, saudemos Vossas Magestades, desejando-lhes as boas vindas. Jámais poderemos esquecer, e com jubilo sempre recordamos, a antiga amizade e alliança existentes entre Portugal e esta nação, e respeitosa e apresentamos a Vossas Magestades os protestos da nossa profunda estima e os nossos sinceros votos para que Vossas Magestades reinem e gozem um prospero reinado».

Consta que sua magestade responderá simplesmente:

— *All right!*



O Estado-Banca

A questão da regulamentação do jogo já começa a preoccupar o publico, na medida dos seus interesses associados a este facto.

Uns falam em nome dos interesses do jogo.

Outros em nome dos interesses do Estado.

Outros, finalmente, em nome dos interesses dos jogadores.

A este numero pertence um leitor do *Seculo*, que se lhe dirige em carta, alvitando que o Estado não se limita a regulamentar o direito de jogar, mas a mesma forma de jogar.

«Graças ao jogo clandestino, diz elle, os banqueiros faziam o que queriam. Sabendo que os jogadores accitam todas as transacções, comtanto que os deixem jogar, este anno «as roletas tinham dois zeros, e ao monte, mesmo nas paradas pequenas, tirava-se 25 % de portas».

O que quer o leitor do *Seculo*?

Quer que o Estado, com o seu novo regulamento, ponha cobro a este estado de coisas.

N'uma palavra, o leitor do *Seculo* quer que o Estado faça banca.

E' uma idéa.

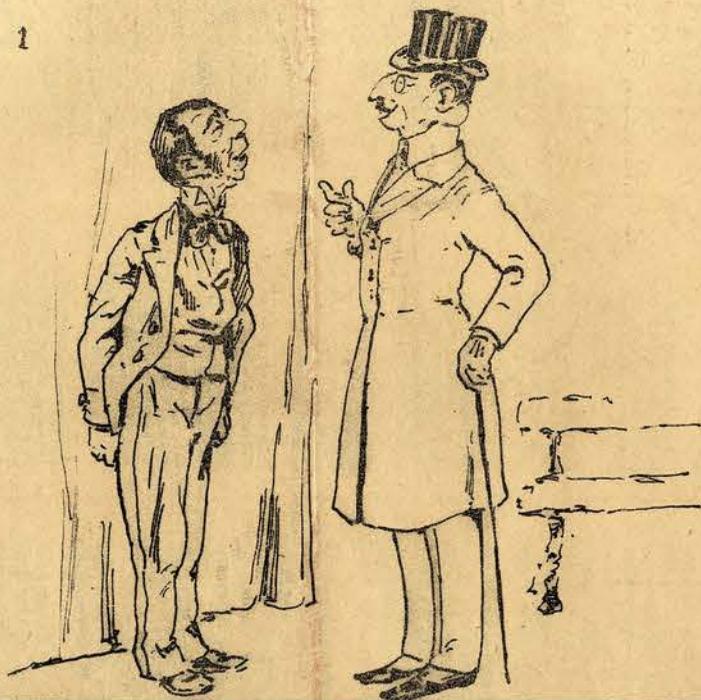
Pesta saber se o sr. Pereira de Miranda, que já preside ao jogo na Misericordia, estará disposto a talhar nas batotas.



DE HERODES PARA PILATOS

O sr. Villaça em Londres, ou o corpo diplomatico nas suas relações com o governo

1



O ministro da Finlândia procura o sr. ministro dos negocios estrangeiros.

2



Sua Ex.^a está em Londres e quem faz as suas vezes é o sr. Presidente do Conselho.

3



O ministro da Finlândia procura o sr. Presidente do Conselho. Sua ex.^a está, mas não recebe, e quem faz as suas vezes é o sr. ministro do Reino.

4



O ministro da Finlândia procura o sr. ministro do Reino, e qual lhe declara que, quem faz as vezes do sr. Presidente do Conselho é o sr. Antonio Cabral.

5



O ministro da Finlândia procura o sr. Antonio Cabral.

6



Mas—ó contrariedade!—O sr. Antonio Cabral não está. Está em casa do sr. Presidente do Conselho.

Um conflicto

La havendo na camara dos pares um conflicto entre o sr. Hintze Ribeiro e o sr. Dantas Baracho.

O incidente não teve felizmente importancia, concludo o sr. Hintze Ribeiro por declarar que vira apenas nas palavras do digno par sr. Baracho «uma aggressão politica».

Feita esta declaração, sub-entendia-se que as coisas tomavam um aspecto conciliatorio, porque, dentro dos formalismos do regimen parlamentar, ha *factos e factos* e sempre que se dá a um facto o caracter *politico*, entra-se no terreno da conciliação.

Por exemplo:

—O illustre deputado não tem sombra de decôro.

Vozes: —Fôra! Fôra! Ordem! Ordem!

Tumulto.

Explicações.

—O que eu quiz dizer foi que o illustre deputado não tinha sombra de decôro — *politico*.

Susurro approvador.

Vozes — Muito bem! muito bem! Declara-se encerrado o incidente.

O parlamento estabeleceu uma caustica, segundo qual ha, por exemplo — proibidade pessoal e proibidade *politica*, affronta pessoal e affronta *politica*, desastre pessoal e desastre *politico*.

—O governo praticou uma infamia! brada uma voz esquentada da minoria.

Levanta-se indiscriptivel tumulto. De pé, excitada, a maioria reclama satisfacão.

— Retire! retire!

A campanha toca. Então, a voz da minoria, mais calina, acrescenta n'outro tom:

— Politica... politica... Infamia politica...

A maioria torna a sentar-se. Tudo se explica e todos se reconciliam: o governo praticou uma infamia — *politica*.

— O governo está deshonrado!

— Fôra! Fôra!

— Ordem! Ordem!

— O governo está deshonrado — *politicamente*.

— Muito bem! muito bem!

— Appoiado! Appoiado!

Na sessão á qual nos estamos referindo, o sr. Baracho aggredu o sr. Hintze.

Mas tranquillisemos-nos.

Foi apenas uma aggressão — *politica*.

**Fogueteada**

Todos que botam os listas
(N'outros tempos carimbadas)
Mostraram-se bons artistas
No saudar os progressistas
Co'as nacionaes foguetadas.

(Quando o Zé se faz festeiro
De boda ou de baptisado,
Todo o mestre fogueteiro,
Chega a ganhar mais dinheiro
Do que um ministro d'estadô).

Tiveram muita razão
Quando fizeram assim:
Pois, se enjôa o macarrão
Serve o mesmo caldeirão
P'ra a sopa de talharim.

Sempre a mudança se faça
Mesmo por modo fingido:
P'ra que o pitêo tenha graça
Venha á mesa a mesma massa,
Porém com outro appellido.

Na-cozinha haver mestria
Do cozinheiro é tropheu
De não pequena valia:
—Julga a gente que varia
E engole o mesmo pitêo!

Os que, tirando os barretes,
Saudaram esta ascensão
Com vivas e beberetes,
Tambem deitaram foguetes
Aos que foram no balão?!

Diz que sim o Zé Pateta
Co'aquella lingua damnada,
Que muitas vezes é setta...
Creio que diz uma peta,
Mas não desio a meada.

SIMPLICIO.

**Um parlamento sobreposse**

Apesar de funcionarem com uma maioria regeneradora e de estarem no poder os progressistas, as camaras continuam abertas, funcionando verdadeiramente apenas a dos pares, porque a dos deputados abre, mas fecha logo, passando-se as coisas geralmente assim:

A' hora do costume, constituida á mesa com o seu presidente e secretarios e achando-se presentes os srs. tachigraphos, o presidente verifica se ha numero para a camara poder funcionar legalmente.

Na sala está um unico sr. deputado.

O presidente verifica que não ha numero.

Então, o unico sr. deputado presente pede que se faça a contagem, o que dá logar a um breve incidente.

Findo o incidente, procede-se á contagem, verificando-se que está na sala um unico sr. deputado.

N'estes termos o sr. presidente declara que não ha numero para a camara poder funcionar legalmente e marca a sessão para o dia seguinte.

No dia seguinte, repete-se a mesma scena.

* * *

Na Camara dos Pares, as coisas passavam-se d'outra fôrma.

Ahi, ha sempre numero e, quando não o houvesse, lá estava o sr. Dantas Baracho para o fazer—o sr. Baracho que, por si só, representa um parlamento em peso e o proprio systema parlamentar, se assim fôr preciso.

Na Camara dos Pares, os dois governos—o que caiu e o que se levantou—continuum chegando á fala e entendendo-se para o effeito de se harmonisarem tanto quanto possivel dentro da sua situação de homens que cairam e homens que se levantaram.

N'estes termos, o sr. Hintze pede providencias e o sr. Pereira de Miranda promette dal-as.

**GUITARRA DA PARODIA**

MOTE

Quem escuta a tua voz
Cuida ouvir a philomella;
Quem vê tua bocca sorrir
Nunca mais se esquece d'ella.

GLOSA

Sei que ha venturas na terra,
Porém essas vêm escassas;
Dê so céo immensas graças
Quem d'ellas não soffre á guerra:
Mas o meu juizo não erra
Quando diz comsigo a sós:
—Se ha venturas entre nós
Na vida de escasso bem,
Nenhuma como a que tem
Quem escuta a tua voz!

Se é avara ao repartir
A natureza os seus dons,
A' tua voz deu uns sons
Que do céo parecem vir:
Aquelle que os póde ouvir
Ao surgir de aurora bella:
Se está á sua janella
Gozando a briza, não mais,
Em florestas de rosas
Cuida ouvir a philomella!

Já viste o botão de rosa
Pelo vento baloicado,
Que, no momento aprazado,
Se abre, flôr rubra e formosa?
Sabes o prazer que goza
Quem a vê então florir?...
Pois esse ameno sentir,
Singello como innocente,
E' esse mesmo que sente
Quem vê tua bocca sorrir!

Já não é senhor de si,
Sente paixão delirante,
E d'ahi para o diante
Nãoopensa senão em ti...
Póde fugir, qual fugi,
Ir affrontar a procella,
Correr mil mares á vella,
Chegar d'este mundo ao fim...
Que quem vê boquinha assim
Nunca mais se esquece d'ella!

VENANCIO.

CASA PORTUGUEZA
 Papellaria e typographia
José Nunes dos Santos
 Succesor de MANUEL DA SILVA
 N.º telephonic 220—Endereço telegraphico Papellypo
PAPELLARIA | **TYPOGRAPHIA**
 Grande sortimento de papéis nacionaes e estrangeiros, objectos para desenho e todos os artigos preciosos nas escolas.
 Trabalhos typographicos em todos os generos.
 Impressões a côres, ouro, prata e sobre setim.
 Papellaria: Rua de S. Roque 139 e 141
 Officina typographica: R. das Gavess, 69
LISBOA

LIVRARIA EDITORA
 DA
Viuva Tavares Cardoso
5, Largo do Camões, 6—LISBOA

ULTIMAS PUBLICAÇÕES:

Os amigos das creanças, por GUILHERME JOSÉ ENNES, 1.ª parte: Parentes e professores. — 2.ª parte: A Escola — 3.ª parte: Colonias de ferias, 1 vol. 200 réis.
Aldoa em festa. Comedia-drama em 1 acto, em verso, por MARIO MONTEIRO, 1 vol. 200 réis.
Ao cair da folha. Soneto de ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO com uma traducção em francez, inglez, italiano e succo, duas em allemão e duas em hespanhol. Preço 200 réis.
O Pater, por FRANÇOIS COPPÉE. Traducção de MARGARIDA DE SEQUEIRA. Preço 200 réis.
Maria Telles. Poema, por ANTONIO DE ALBUQUERQUE. Preço 300 réis.
Guerra á guerra. Conferencia de CESAR DO INSO, 1 vol. 400 réis.
A Adolescencia, por LEÃO TOLSTOI, traducção de JOAQUIM LEITÃO, 1 vol. 300 réis.
Caminho do Amor. Poesias, por JOÃO DE BARROS, 1 vol. 400 réis.
A guerra russo-japoneza, por EDUARDO NERONHA, 1 vol. profusamente illustrado, br. 800, enc. 1.º000 réis.
A fidalga de Juncal. Romance original de PAULO VIEIRA, 1 vol. br. 800, enc., réis 1.º000.
Phenicios e Carthaginezes, pelo dr. J. M. PEREIRA DE LIMA, 1 vol. finamente illustrado, impresso em papel «ouché», 800 réis.
O Jornalimo. Esboço historico da sua origem e desenvolvimento até os nossos dias, por ALBERTO BESSA. Com um artigo prefacio de Edmundo d'Amicis, 1 vol. illustrado, br. 700, enc. 900 réis.
A SAHIR DO PRÉLO:
A Severa, por JULIO DANTAS. 2.ª edição.
Caracteres humanos, por P. MANTEGAZZA.
O Escandalo, romance por ANTONIO DE ALBUQUERQUE.
Cidade Nova, romance por FERNANDO REIS.
Aurora, romance por AUGUSTO DE LACERDA.
Recordando, contos e impressões, por D. THOMAZ DE MELLO.
O meu Algarve, por JOÃO LUCIO.
Pastoral, por COELHO NETTO. Edição illustrada.
Paizagens da Ohina e do Japão, por WENCESLAU DE MORAES. Edição illustrada.



Reparem!

(Continuação)

dadeiro supplicio com dores rheumaticas e feridas nas pernas, resolvi-me, depois de ter feito diversas experiencias com diferentes formulas pharmaceuticas, a tomar o referido depurativo.

Assim, pois, em tratamento por espaço de quinze dias, mal lhe posso exprimir a satisfação que senti ao oitavo dia de tratamento. Reconheci desde logo ter-se-me deparado o remedio salvador. O enfartamento do estomago bem assim os vomitos e as tonturas, desappareceram com sete frascos, em cujo numero tambem encontrei grandes allivios

(Continúa).

Grande balburdia

Anda tudo atrapalhado
 Aqui por estas paragens,
 Não vejo senão bagagens,
 Muito wagon carregado.

Só para o Arrepiado,
 Terra de muitas friagens,
 Foram trinta carruagens,
 Já com fato fabricado.

Nas aldeias o boieiro,
 Suspendendo as lavours,
 Vem para aqui o dia inteiro,

Solta os bois das mangedouras,
 Pra trazer Gabões d'Aveiro,
 Lá da Casa das Tesouras.

Harenque.

Gabões da Aveiro de 3\$800 a 25\$000
 Sobretudo da moda de 6\$000 a 25\$000
 Gabões para senhoras e meninas de 4\$500 a 45\$000 réis.

51 — R. da Escola Polytechnica — 55



Pego a V. Ex.ª a fineza de não comprar chapéus sem primeiramente visitar este estabelecimento

ORTHOPÉDIA

CASA ESPECIAL DE FUNDAS e aparelhos orthopedicos DE MANUEL MARTINS
 FORNECEDOR DOS HOSPITAES CIVIS, CASAS DE SAUDE, DE BENEFICENCIA, ASSOCIAÇÕES DE SOCCORROS MUTUOS, ETC.
154, Rua da Magdalena, 154-A
 (ANTIGA Calçada do Caldas Proximo ao Largo de Santa Justa)—Lisboa



Ouvivesaria e Relejoaria

com officina annexa de fabrico e reparacões

FLORINDO
 JOIAS COM balbanças PREÇOS Limitadissimos
99, RUA AUREA, 99

Sorte grande
VENDIDA NA CASA
Campião & C.ª
118, Rua do Amparo, 118
LISBOA

2163, vigesimos..... 25:000\$000

Os numeros mais premiados, vendidos n'esta casa, na extracção do dia 5, foram :

2163.....	25:000\$000
3512.....	500\$000
2163.....	160\$00
2163.....	160\$000
816.....	100\$000
128.....	100\$000
1681.....	100\$000

PROXIMAS LOTERIAS

12 de Novembro—Premio maior... 12:000\$000
 19 de Novembro—Premio maior... 12:000\$000
 26 de Novembro—Premio maior... 12:000\$000
 3 de Dezembro—Premio maior... 12:000\$000

Grande loteria do Natal a 22 de dezembro.

PREMIO MAIOR

150:000\$000

Bilhetes a 60000 réis, meios a 30000, decimos a 6000, vigesimos a 3000 réis.
 Cante as a 2\$100, 1\$500, 1\$050, 540, 330, 220, 110 e 60 réis.

Satisfazem-se todos os pedidos quer para jogo particular quer para revender, vindo acompanhados da respectiva importancia.

Pedidos aos cambistas

Campião & C.ª

CALLISTA EFFECTIVO DA CASA REAL
Gaston Piel

Das 9 da manhã ás 5 da tarde
PRAÇA DOS RESTAURADORES, 16

O DISCURSO DO SR. BISPO DE COIMBRA



— O' paes e mães da caridade!... Lançae os olhos misericordiosos sobre a pobre classe ecclesiastica!